

denominação
Fazenda da Derrubada

código
AIII - FO1 - RF

localização
Rodovia RJ-145, distrito-sede

município
Rio da Flores

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

Saindo da Rodovia RJ-145, tem-se o acesso para a Fazenda da Derrubada por uma estrada de terra perpendicular à de asfalto, bem de frente à ponte central da cidade de Rio da Flores, que fica sobre o córrego Manuel Pereira. Após um trajeto de cerca de um quilômetro, avista-se a casa-sede da propriedade.

Sua paisagem imediatamente limítrofe é constituída pelos característicos morros do tipo meia laranja, do Vale do Paraíba, tendo em toda extensão à direita, de quem olha a casa de frente, uma densa mata.



01



02



06

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Branca R. Figueira Annibal Affonso M. da Silva - nov 2007
Mauro Reis e Rita de Fátima
Adriano Novaes / Fernando Pozzobon

revisão / data
Alberto Taveira – fev 2008

Próximo à casa, um curso d'água corta a estrada, que é ladeada por gramados com árvores de grande e médio porte. A chegada à sede termina num *cul de sac* com canteiro gramado, fronteiro à casa (f. 07).

A casa está locada sobre um platô com pouca área lateral. Aos fundos este platô se estende e eleva-se suavemente, formando um aclive que se funde com os morros ali localizados. Esta parte é utilizada como capinzal (f. 06).

Duas construções marcam as laterais da casa sede. De um lado fica a garagem e de outro um espaço de lazer, com uma piscina e uma área coberta (f. 04).



04



05



07

A casa está apoiada sobre um porão baixo com base em pedra que possui exíguos óculos para sua ventilação. Essa possante estrutura horizontal confere um caráter robusto ao prédio.

Sua super-estrutura apresenta gaiola de madeira (pilares, frechais, madres e barrotes) vedada por paredes com fechamentos em pau-a-pique. Nos interiores há assoalho em tabuado de madeira, apresentando sistema de junta cega (f.25) e forros, também em madeira, em saia e camisa (f.26).

Nos alpendres / varandas e banheiros há pisos em cerâmica e cimentado (f. 10 e 21).

A massa compacta da edificação é coroada por um telhado de quatro águas em telhas capa e canal, sendo marcada, na fachada principal, pelo ritmo regular e simétrico dos oito vãos de janelas entremeados a uma porta central. As linhas azuis, de cercaduras, pilares e frechais, destacam-se no conjunto.

Os vãos possuem vergas retas em todo o conjunto. Entretanto, a parte superior destas, nas janelas, mantém uma pequena flecha, formando uma discreta elevação central à moda de um tímido frontão (f. 17 e 19). Suas esquadrias, cegas e azuis, recebem, externamente, guilhotinas na cor branca (f.19). As portas externas apresentam esquadrias cegas de duas folhas pintadas de azul e, as internas, confirmam essa feição, porém, com bandeiras e folhas na cor branca (f.27).

A composição caracteriza-se pelo alpendre central, construído, assim como o lateral e de fundos, com pilares de seção retangular em concreto, recebendo cobertura em tacaniças de telhas capa e canal. Apesar de ser obra extemporânea à casa e não romper com a escala do conjunto, prejudica a leitura correta de suas formas originais. O acesso ao alpendre da fachada principal é feito por uma escada lateral com cinco degraus, aposta ao corpo da casa, cujos pisos e espelhos originais estão recobertos, nas extremidades, pelo revestimento cerâmico da varanda.

Uma cimalha de madeira pintada na cor azul escuro contorna todo o prédio (f.16 e 17) e conta com carpintaria trabalhada caprichosamente nos cunhais (f.22). As varandas frontal e dos fundos mantém tímidos beirais formatados por suas vigas de concreto (f.18 e 21).

Além dos alpendres / varandas, a casa passou por outras ampliações. O acesso lateral para a cozinha também é recente. Nos fundos foi construído um bloco que abriga dois banheiros. Um deles tem acesso direto pela casa.

Também foram feitas algumas adaptações internas. Na cozinha foram encontrados, na parte inferior da verga da porta, resquícios de abertura do gradeado típico das janelas destes ambientes e alguns compartimentos tiveram portas de comunicação interna eliminadas, estando os vãos entaipados. Isto foi notado na parede que divide a sala de TV do quarto E1.

Luminárias metálicas presas aos cunhais de todas as fachadas (f.08 e 22).



16



17



18



19



20



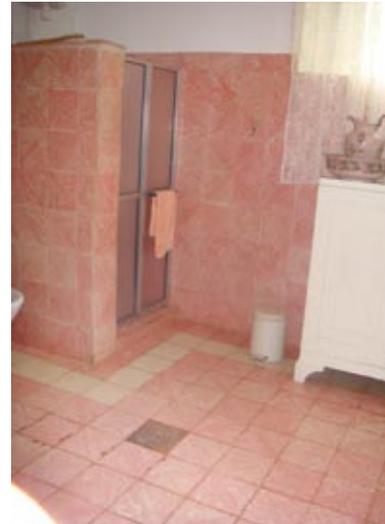
21



22



23



24



25



26



27

Não foi notada a presença de trincas no prédio. Porém, a parede da fachada lateral esquerda está bastante desnivelada.

Foram notados pontos de sujidade na fachada, ocasionados pelo escoamento das águas das coberturas que respingam das calçadas (f. 08 e 09), bem como descascamento da pintura em alguns pontos das fachadas (f. 13 e 21).

O assoalho em madeira apresenta sistema de junta cega praticamente intacto, estando desnivelado em algumas partes, devido ao recalque dos barrotes (f.33 e 34). No banheiro há piso em cerâmica (f.15).

O forro conta com sistema de saia e camisa, pintado na cor branca, estando em boas condições (f. 11 e 26), o mesmo ocorrendo com as esquadrias, tendo apenas a pintura externa desgastada pelas intempéries (f.19).

Uma cimalha contorna todo o bloco da casa-sede, estando em bom estado de conservação (f.19).

O prédio tem a circundá-lo uma calçada que está recoberta por cimento. As varandas frontal e dos fundos foram construídas em cimento e tijolo de barro e o piso da escadaria do acesso principal foi recoberto parcialmente por cerâmica (f. 10).

A vedação é feita por paredes de pau-a-pique, pintadas de branco, em toda a parte primitiva da casa, havendo paredes de tijolo furado no bloco dos banheiros. Pilares e vigas das varandas frontal e dos fundos são em concreto armado.



08



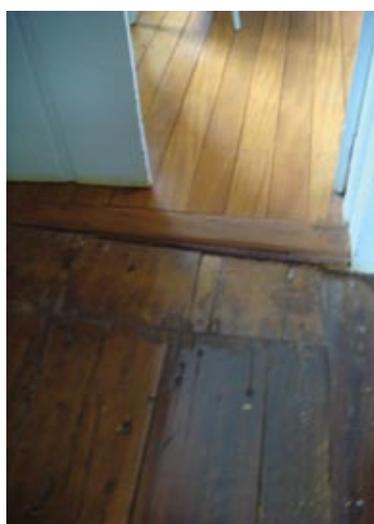
09



10



11



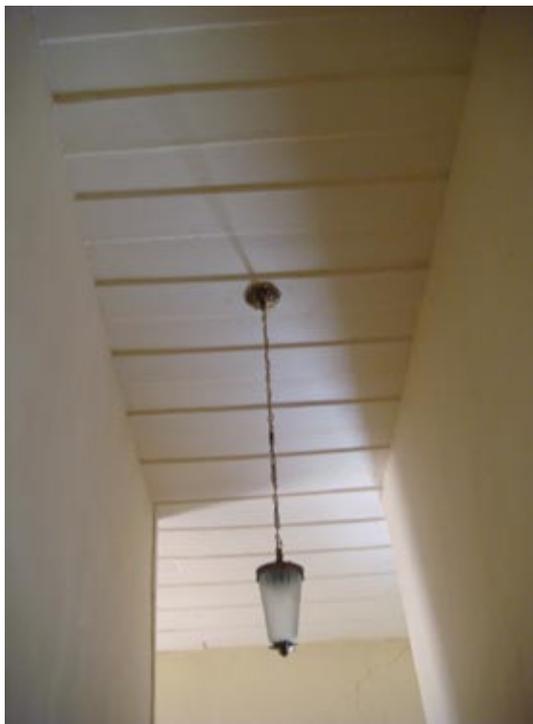
12



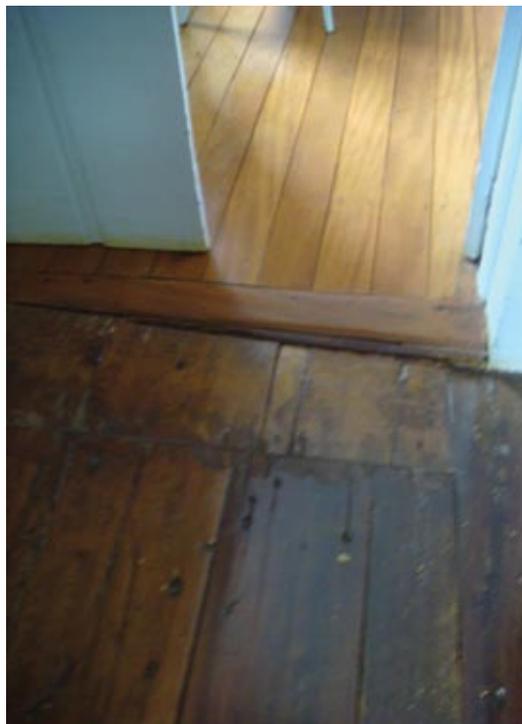
13

Não foi possível acessar diretamente a cobertura, porém, o proprietário informou que fez uma grande obra nela, substituindo a trama original quase toda, reconstruindo-a no sistema contemporâneo. As telhas de bica são novas e as capas antigas. Notam-se alguns afundamentos nos panos da cobertura.

Pilares, madres, frechais e barrotes não possuem sinais evidentes de ataque por térmitas. Há, entretanto, alguns desnivelamentos no assoalho que podem ter sido ocasionados por recalques nos barrotes. As fachadas lateral esquerda, direita e de fundos estão com os frechais flambados (f.13 e17). O assoalho e o forro em madeira apresentam bom estado de conservação (f.25 e 26).



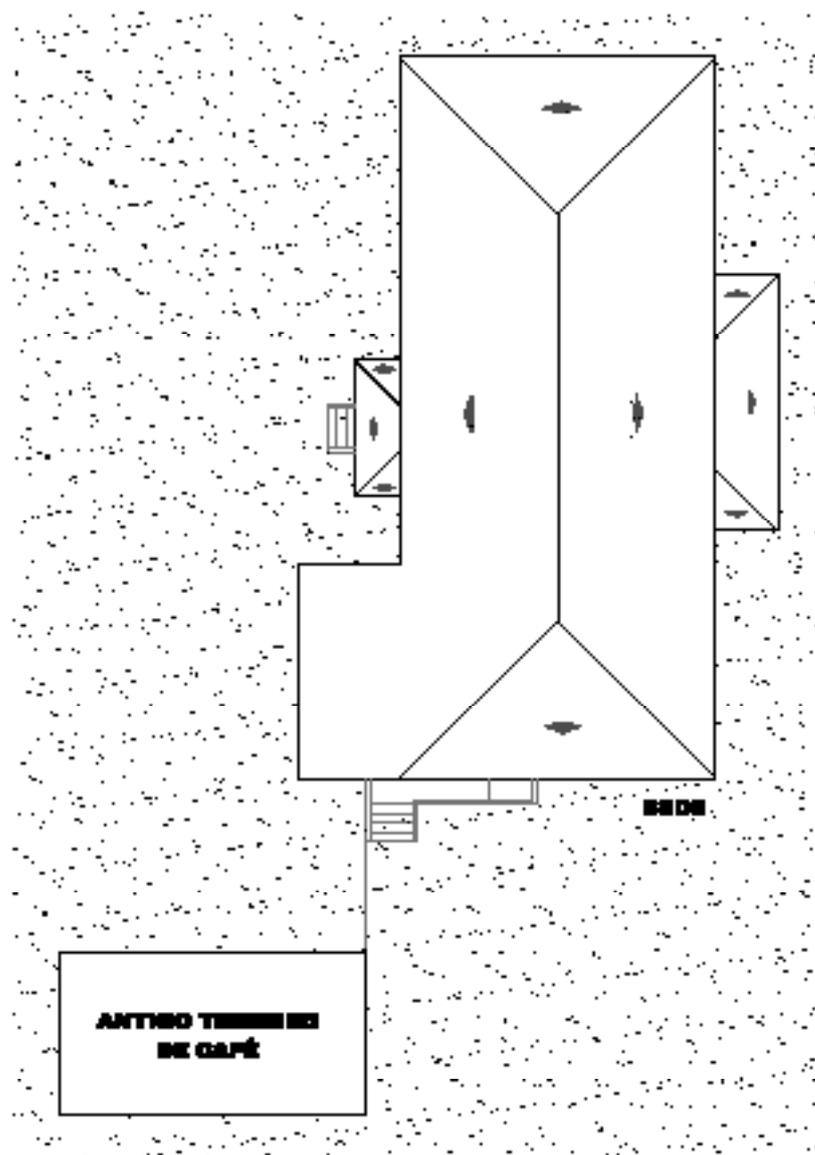
11



12



15



1 FAZENDA DA DEBRUADA
 Planta de Situação escala: 1:500

A origem desta fazenda está na reunião de diversas porções de terras. A primeira porção foi resultado do desmembramento da fazenda Paciência, quando do falecimento de seu proprietário, ocorrido no ano de 1856. Quatro de seus herdeiros venderam as partes que possuíam aos irmãos Francisco e Antônio Correa de Azevedo, sócios na firma “Azevedo & Irmãos”.

A segunda porção foi uma parte desmembrada das terras da fazenda do Retiro, adquirida pelos mesmos sócios Azevedo. Inicialmente era conhecida pela denominação de “Vargem do Dutra” e funcionava como sítio satélite da fazenda principal dos sócios, denominada Paraíso (hoje São Policarpo).

Francisco Correa de Azevedo faleceu em 1862 e seu irmão Antônio no ano seguinte. Suas viúvas resolveram pedir o leilão das propriedades para saldar as dívidas com os credores. Alguns bens permaneceram com as viúvas e os filhos herdeiros. Ludovina Rosa de Azevedo, viúva de Antônio, ficou com as terras da “Vargem do Dutra”. Em 1865 é o ano provável em que D. Ludovina construiu a sede da fazenda, bem como outras edificações de apoio. A partir desta data a fazenda passou a ser conhecida com “Fazenda da Derrubada”.

Tudo leva a crer que a Fazenda da Derrubada produzia apenas café, ou seja, plantava-se e secava-se, não se beneficiava o grão.

A fazenda permaneceu durante anos em poder dos Correa de Azevedo. A filha Ana Rosa foi a última, quando por volta de 1935 vendeu esta propriedade a seu sobrinho Aurélio Ferreira Sucena. Os herdeiros de Sucena a venderam no final do século XX ao atual proprietário, o Sr. Manoel Rodrigues dos Reis.



Acervo ARTUR, s/autor, c.1940.



Acervo ARTUR, s/autor, c.1940.

